

ALEXANDRE SEQUEIRA, MOCAJUBA E A CIDADANIA PLANETARIA

Marisa Mokarzel

Desde 1997, quando visitou o vilarejo de Nazaré do Mocajuba, localizado a 150 km de Belém, cidade da Amazônia brasileira, Alexandre Sequeira inicia uma pesquisa que resultou em uma série de imagens fotográficas impressas sobre os próprios pertences dos moradores: objetos cotidianos como redes, lençóis, mosquiteiros. A primeira intenção, ao visitar Mocajuba, foi fotografar a paisagem, mas o contato com os moradores e o pedido para que os fotografassem, gerou novos encontros permeados por trocas de afeto, baseadas na confiança, no respeito mútuo. Assim, o estrangeiro tornou-se o amigo, integrou-se à cultura do lugar.

Os estreitos laços entre arte e vida, norteiam os trabalhos de Sequeira, confirmando o ato poético que privilegia a comunhão do homem e a natureza e a solidariedade entre os diferentes, entre os iguais. Por instantes, diluem-se as diferenças culturais e econômicas e o que se testemunha é a rara integração do ser humano consigo mesmo, com o outro e com o mundo. A pequena e longínqua Mocajuba ganha visibilidade, adquire uma cidadania planetária e torna-se respeitada. O artista e o homem do lugar desenvolvem um processo identitário, espelho de suas próprias forças, ancoradas nas relações socioculturais, constituídas com firmeza e delicadeza.

Os rostos esquecidos, com a intermediação da fotografia, passam a constituir a memória que antes, difusa, perdia-se na vaga lembrança. O incerto adquire contornos. O artista e aqueles que se encontram na área quase isolada de Mocajuba podem reimaginar o seu lugar no mundo e impor-se na nova geografia que se configura em desacordo com as pressões globais e hegemônicas. Esta Comunidade que vive da cultura da subsistência e mora em casas de barro, pode transformar a fragilidade em força, expandindo-se simbolicamente em um ato de resistência e integração com outras comunidades, de outros países, outros continentes.